



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,
Luiz Inácio Lula da Silva, ao Jornal de Brasília
Publicada em 17 de fevereiro de 2009**

Jornalista: A crise econômica está sendo vista por vários economistas brasileiros como uma excelente oportunidade para o Brasil, sobretudo na política externa. Afinal, o País criou condições suficientes para ultrapassar esse período de forma menos sofrida que outros. Onde o Brasil vai atacar fortemente nos próximos meses a fim de consolidar ou a liderança ou uma posição forte ante a comunidade internacional?

Presidente: Antes da eclosão da crise econômica, alguns setores consideravam exemplar qualquer coisa que os países avançados fizessem. Tudo que tivesse alta qualidade era “coisa de Primeiro Mundo”. A crise mostrou o quanto essa mentalidade era equivocada, uma vez que a crise atual, esta, sim, é comprovadamente “coisa de Primeiro Mundo”. E embora todos os países estejam sendo afetados, é certo que o Brasil está em situação muito mais favorável. A economia brasileira está estabilizada, o mercado interno crescendo, a renda sendo mais bem distribuída. Nossa vulnerabilidade externa diminuiu consideravelmente, com o acúmulo de cerca de US\$ 200 bilhões em reservas. O sistema bancário brasileiro encontra-se sólido e bem capitalizado. Ao contrário de concepções antigas, hoje, os países emergentes são vistos como o principal motor do crescimento da economia em 2009. A Cúpula do G-20, realizada em novembro de 2008, decorreu do reconhecimento de que o G-7 já não tem como lidar com os problemas da economia de forma isolada. A declaração final da reunião reconhece a necessidade de uma reforma abrangente das instituições financeiras, de modo a refletir o maior peso dos países emergentes na economia mundial. E entre os emergentes, o Brasil já



vem se destacando e se tornando referência não apenas pelos indicadores que já citei, mas também pela luta em prol da conclusão da rodada de Doha e pelo desenvolvimento de tecnologias de produção de energias renováveis de altíssimo rendimento e que reduzem substancialmente a emissão de gases do efeito estufa.

Jornalista: Ainda sobre a crise, o petróleo desabou de preço no mercado internacional. Algumas economias fortemente dependentes dele, como a Venezuela, que é aqui ao lado, terão no Brasil seu parceiro mais importante para atravessar momento tão difícil. Em quê e onde podemos participar mais da economia venezuelana, além dos vários tratados, acordos e joint ventures que já temos?

Presidente: Em primeiro lugar, o Brasil deveria aprovar com a maior rapidez possível o protocolo de adesão da Venezuela ao Mercosul. Ampliar nossos mercados por meio do aprofundamento da integração regional é essencial para nos fortalecermos reciprocamente, de modo a fazer frente à crise financeira mundial. O programa de integração produtiva que estamos desenvolvendo com a Venezuela, e que numa primeira fase inclui a instalação de sete fábricas, é também mecanismo importante para a diversificação da economia daquele país e para a interação com os nossos setores industriais. Adicionalmente, queremos explorar o apoio a empresas com foco em ciência e tecnologia, o fortalecimento das pequenas e médias empresas, bem como maior cooperação no complexo industrial da saúde (produção de fármacos, vacinas e hemoderivados, entre outros). A energia é outro campo de grande potencial para a cooperação. Nessa área, estamos trabalhando em vários projetos no plano bilateral, no âmbito do Mercosul e também no da Unasul. Paralelamente a esse programa, estamos presentes na Venezuela através da Embrapa, com



pesquisas e transferência de tecnologia, fortalecendo o processo de desenvolvimento agroindustrial do país.

Jornalista: Por causa da queda do preço do petróleo, a Petrobras está reavaliando os custos da exploração da camada pré-sal, o que representa dizer que, se for feita, será a médio e longo prazos. Trata-se atualmente de uma energia cara, o que abre caminho para novas tecnologias, todas limpas, menos poluentes. O governo vem sendo muito cobrado relação a projetos voltados para a energia eólica, sobretudo no Nordeste. O PAC contempla algo assim?

Presidente: A Petrobras não planeja seus investimentos em função do preço conjuntural do petróleo e sim com base em uma projeção de valores a longo prazo. E os estudos da Petrobrás consideram viáveis os empreendimentos se o preço do barril de petróleo estiver em US\$ 35, abaixo, portanto, do preço atual. Os recentes anúncios de novas obras de Petróleo e Gás no PAC, bem como o Plano de Negócios da Petrobras, recém-lançado, demonstram que não há recuo em relação aos investimentos na exploração da camada pré-sal. No PAC, foram anunciadas a construção de oito plataformas de produção e armazenagem de petróleo, quarenta sondas para perfuração, além de investimentos na exploração e produção das reservas de Tupi e Guará. Já estamos construindo, em Pernambuco, a Refinaria Abreu e Lima, um empreendimento bi-nacional (com a Venezuela) de R\$ 8,91 bilhões. Vamos iniciar a construção de outras três refinarias: no Maranhão, no Ceará e no Rio Grande do Norte. O Nordeste, que nunca teve uma refinaria, vai ter quatro. A decisão é ainda mais extraordinária se considerarmos que a Petrobrás construiu sua última refinaria em 1980, ou seja, há quase 30 anos. No entanto, esses investimentos não excluem o esforço do governo em desenvolver energias renováveis e limpas. O PAC contempla um grande número de usinas de geração de fonte hídrica, que somam mais de 30.000 MW, visando explorar



o grande potencial do país para o uso desta fonte renovável. Entre estas usinas estão as de Jirau e Santo Antônio, no Rio Madeira, que serão as primeiras a serem construídas na Amazônia com respeito absoluto às exigências ambientais. Além disso, o PAC prevê 33 Pequenas Centrais Hidrelétricas e recentemente foram incluídas 31 usinas a biomassa. No caso de geração eólica, no PAC constam 46 empreendimentos totalizando mais de 1.000 MW que fazem parte do Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica - PROINFA, do Ministério de Minas e Energia, dos quais 34 estão na região Nordeste. Para o ano de 2009, o Ministério de Minas e Energia e a Empresa de Planejamento Energético - EPE estão programando um novo leilão de energia eólica. Outra iniciativa: obras de habitação do PAC no Estado do Rio já incluem a instalação de placas solares, por força de lei do então secretário do Ambiente, Carlos Minc. Até meados deste ano, a Caixa Econômica Federal também estará adotando essa medida nos projetos habitacionais que financia.

Jornalista: O Brasil já foi o país do futuro. O Brasil já foi o celeiro do mundo. O Brasil já foi até a pátria de chuteiras. Tais alcunhas sempre foram muito mais itens de (duvidosa) propaganda do que qualquer outra coisa. O senhor acredita que verá o País tornar-se o Brasil da igualdade social, o Brasil exportador de produtos de alto valor agregado, o Brasil potência tecnológica, o Brasil país da educação de qualidade, o Brasil país da saúde universal, o Brasil país em que a lei vale para todos os cidadãos?

Presidente: Não posso afirmar que verei, mas posso assegurar que desde que assumi a presidência o país vem avançando com firmeza no rumo de superar todas as suas principais mazelas. O povo pobre e as regiões pobres do Brasil poucas vezes figuraram na agenda dos governantes, ao contrário do que acontece em meu governo. Em relação ao desenvolvimento econômico, o



Brasil não sabia o que era isso há décadas. Encontrei o país com uma quantidade inimaginável de demandas acumuladas e estamos mudando radicalmente este quadro. Por meio do PAC, estamos investindo em praticamente todos os municípios do país o montante de R\$ 646 bilhões em obras de Infraestrutura Energética, Logística (sistemas, vias e terminais de transportes) e Social e Urbana. Além de irrigar a economia com um volume inédito de recursos, gerando riquezas e postos de trabalho, estamos criando as bases para um desenvolvimento duradouro e sustentável, ao eliminar os gargalos de infraestrutura. Na educação, temos avanços desde o ensino básico até o ensino superior, passando pelo ensino técnico. Enquanto em um século o Brasil construiu 140 escolas técnicas, agora, em apenas dois anos, estamos inaugurando 150. Nossas políticas sociais, nas quais se inclui o aumento real de 50% do salário mínimo e o programa Bolsa Família, produziram a inclusão de 20 milhões de pessoas na classe média. O Centro de Políticas Sociais da FGV, uma instituição independente, constatou uma expansão da classe média brasileira de 44%, em 2002, para 53,8%, em 2008. No mesmo período, a proporção de miseráveis encolheu de 35% para 25%. Trata-se de um avanço extraordinário no processo de redução das desigualdades sociais. Por tudo o que estamos fazendo, se tivéssemos que escolher um slogan, seria alguma coisa como “Brasil, um país em construção”.

Jornalista: O Distrito Federal, até por suas particularidades, é a unidade da Federação mais bem equilibrada financeiramente. Por isso, tornou-se pólo de atração de muitos brasileiros, que vêm para cá em busca de melhores oportunidades. Isto causa inchaço e, naturalmente, os problemas sociais e de infra-estrutura se agudizam. Qual a função do PAC no combate a estas mazelas?



Presidente: O objetivo do PAC, não apenas no DF mas em todo o país, é recuperar a infraestrutura de transportes, de abastecimento de energia e de urbanização das cidades. No DF, o PAC está investindo na ampliação do aeroporto internacional JK e na duplicação de importantes rodovias de acesso, como as BRs 020, 060, 070 e 450. A BR 040 (Brasília-Juiz de Fora) deverá ser incluída na terceira etapa do programa de concessões de estradas federais. O fornecimento de energia foi reforçado com a implantação da Linha de Transmissão Norte-Sul III - Serra da Mesa(GO)-Samambaia(DF). Na área habitacional, estão sendo executados projetos de urbanização de comunidades como a Estrutural, Ceilândia e Varjão, além de construção de moradias populares em Santa Maria e Vila Feliz. O sistema de abastecimento de água Corumbá Sul, em construção, vai beneficiar os moradores do Gama e de Santa Maria, e mais quatro municípios de Goiás. Está em fase de contratação a obra do sistema produtor de água do São Bartolomeu. O Distrito Federal vai ganhar, ainda, seis galpões de triagem para coleta seletiva com a inclusão social de catadores. No total, os investimentos do PAC no DF somam R\$ 3,8 bilhões.

(\$31DHKL)